

MIRANDA DE ANDRADE

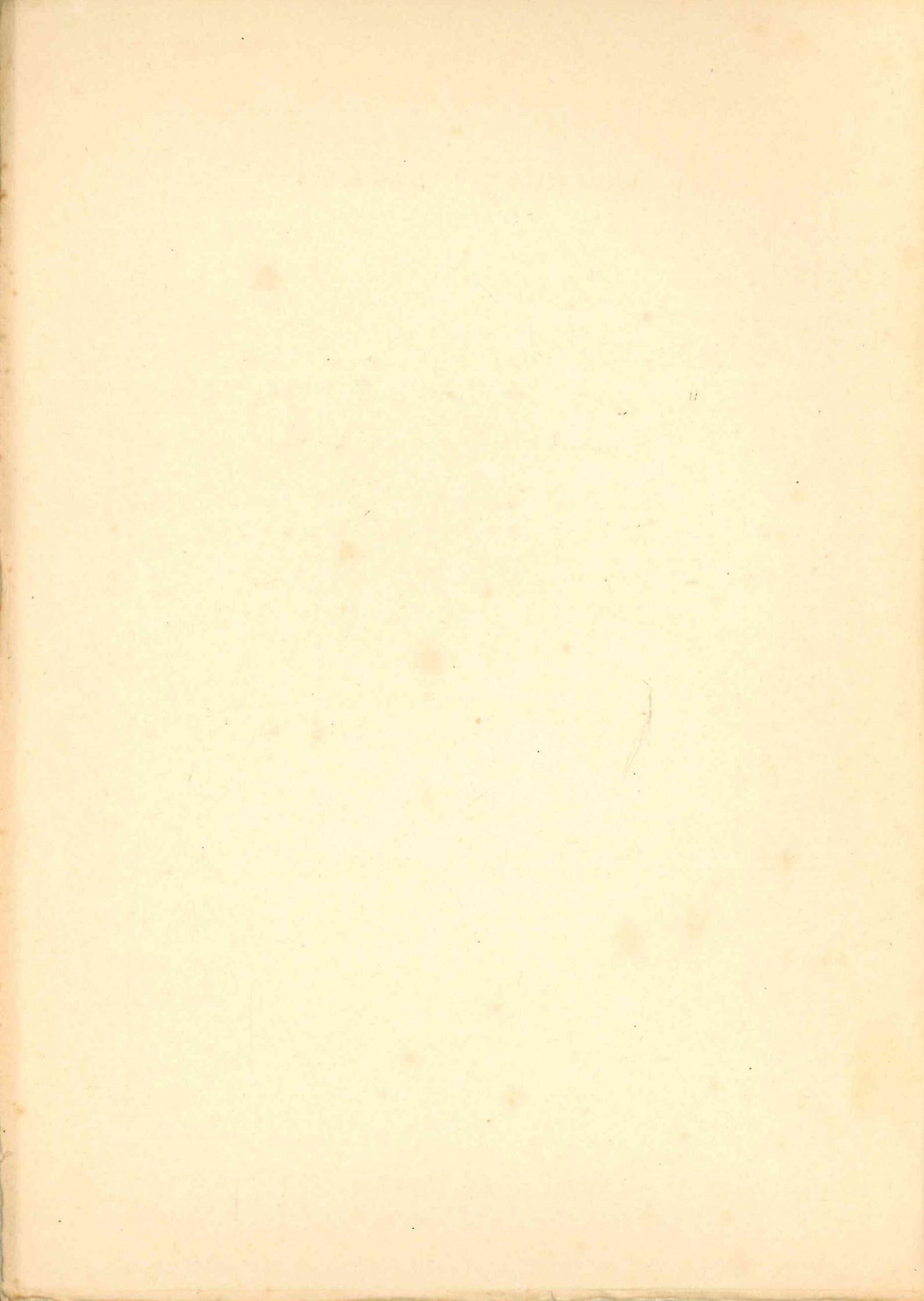
PROFESSOR DO LICEU NACIONAL DE BRAGA

A LIÇÃO
DE
CAMÕES

BRAGA • 1951



134.3-1Camões,
D



A Biblioteca Municipal
de Barcelos segue

o Autor

C.M.B.
Biblioteca

Micael de Sousa

A LIÇÃO DE CAMÕES



Barcelos
Perm.

MIRANDA DE ANDRADE

PROFESSOR DO LICEU NACIONAL DE BRAGA

C. M. B.
Biblioteca

A LIÇÃO
DE
CAMÕES

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

1951

Do Autor:

Camões e o Platonismo — 1926.

O Poeta António Fogaça — 1949.

A publicar brevemente:

Eça de Queirós e a «Revista de Portugal»

NOTA PREAMBULAR

O presente estudo literário foi o tema da lição inaugural de um ano lectivo do estabelecimento escolar, onde o autor exerce o seu múnus professoral.

Destinado a publicar-se, em volume, com outros trabalhos críticos, decorreu o tempo sem que esse objectivo tivesse possibilidades de realização.

Vozes amigas, porém, que o recordam ainda, assim como o ambiente solene e emotivo em que se produziu, animaram o autor a imprimi-lo sem outras delongas, elas mesmas animadas do desejo de verem divulgada uma lição em que se analisa e exalta o magnífico valor ético da *Epopeia nacional*, — não só «tesouro do Luso», como disse Cervantes, também tesouro da Humanidade —, e a consciência de Camões, de tão rica e elevada formação.

Despojada do seu aparato oratório, imprescindível na circunstância, aqui se apresenta, pois, a simples oração, em que destacadamente avulta o superior homem moral, ao lado do grande patriota e artista, formulando, com suprema arte, conceitos e juízos que são os de nossa civilização e cultura.

Março de 1951.

M. A.

JÁ houve quem falasse — e muitíssimo bem — de Camões épico, de Camões lírico, de Camões médico, da geografia de *Os Lusíadas*, da flora de *Os Lusíadas*, da astronomia de *Os Lusíadas* e, até, de Camões humorista... Pois falemos hoje de Camões professor, ou melhor, de Camões educador, como amanhã se poderá falar de Camões bélico ou de Camões náutico...

Com efeito, como é sabido, *Os Lusíadas*, juntamente com o *Parnaso*, são uma autêntica enciclopédia, — a mais bela, a mais artística das enciclopédias, pois resumem todo o saber e toda a arte literária do Renascimento. Referindo-nos só a *Os Lusíadas*, encontramos neles toda uma época, com a sua arte e com a sua ciência: a história (do mundo antigo e do mundo novo), a geografia, as ciências da Natureza, a medicina, a astronomia, uma concepção do Universo, uma moral, uma religião, uma arte literária, uma língua. A multiplicidade e a profundidade de conhecimentos

que revelam — conhecimentos possuídos por um só homem e expostos numa só obra — dão carácter especial a *Os Lusíadas*, que, assim, transcendem, e de muito, o valor, que já por si só seria grande, de epopeia das navegações e das descobertas. Além destas, Camões fixou, para a eternidade do Tempo, uma Época e um Povo, isto é, um brilhante estádio da Humanidade. Por isso, *Os Lusíadas* não têm apenas cunho nacional: o seu espírito é também universal.

O eminente escritor brasileiro Doutor Afrânio Peixoto,⁽¹⁾ — a quem rendo as minhas maiores homenagens pelo seu devotado culto a Camões, pela sua inteligentíssima actividade em defesa da memória do glorioso Épico e pela sua obra literária e científica, tão bela e tão notável —, escreveu num dos seus eruditíssimos *Ensaaios Camonianos*: «Aqueles que tomam por pretexto o espírito nacional da Epopeia, para lhe preferirem o lirismo universal do *Parnaso*, esquecem-se que nesses *Lusíadas* está toda a Poesia, heróica, sim, mas também lírica, didáctica, sentenciosa, moral, satírica, e, até, *humorismo*». E noutro passo dos mesmos *Ensaaios*: «Poder-se-ia em Camões tirar um compêndio de civismo, de moral política e de virtude pública e privada. Mestre de energia, para quem querer é poder e não crê no impossível, a escola da vitória é a acção e mesmo o sofrimento... É sobretudo a diligência, a aplicação, o esforço». Um compêndio de civismo, uma escola da vitória e — direi eu tam-

⁽¹⁾ Era ainda vivo o grande amigo de Portugal no momento em que foi proferida esta lição.

bém — uma permanente lição: — lição de patriotismo, lição de civismo, lição de moral.

De facto, *Os Lusíadas* estão recheados de passos e contêm inúmeras referências de elevado carácter educativo, de boa moral individual e política, de alta moral cívica e pátria. Fulguram no Poema os gestos de lealdade, de fidelidade, de amor patriótico; há nele inesquecíveis atitudes de pura isenção perante o bem comum, o bem da Nação; refulgem lá as glórias da nossa História, — uma história viril, feita só de esforço, de tenacidade e de heroicidade. Por outro lado, ataca-se o que é imoral, censura-se o que se afasta do Bem, profliga-se o que, no mundo, pode causar corrupção, dor, aflição, baixeza, o Mal, enfim. *Os Lusíadas* são, por isso, uma cartilha do Bem, uma Bíblia que ilumina o homem, um autêntico compêndio de educação moral — pátria e cívica — com profusão de exemplos admiráveis, um guia seguro do português que se preza de o ser... São, em suma, uma obra de arte e de moral. É o maior dos deuses, Júpiter, quem autorizadamente declara, «dos fados as entranhas revolvendo» :

E por eles de tudo enfim senhores

Serão dadas na terra leis melhores. (II, 46)

Não é a imposição da força bruta, não é o domínio pelo domínio, o que leva ou guia os Portugueses na sua expansão pelo Mundo; mas o desejo do aperfeiçoamento

dos homens, a ambição justa de dar «melhores leis» à Humanidade. Eis o objectivo essencial que Camões viu ou quis ver na grande e gloriosa Empresa Lusa. Objectivo puramente moral, como se vê.

Eu julgo que no imortal Épico poderemos surpreender a existência de três pessoas: uma é ele mesmo, com o seu temperamento pessoal e com o seu carácter próprio; outra é o português, o lusíada, — ele é o maior lusíada! —, com as virtudes, as qualidades mais salientes da Raça; a terceira é o homem, mas o homem considerado do ponto de vista universal, integrado na sua época, com a sua inteligência, com a sua cultura, com a sua consciência. Em *Os Lusíadas*, há a afirmação clara da consciência de Camões, que se mostra rico possuidor de normas éticas. As suas afirmações morais não podem deixar de contribuir para a dignificação e para a elevação do homem, visto como ser universal. Por consequência, Camões tem de ser olhado também como um grande educador, porquanto a elevação do género humano é o fim último, o fim mais alto da educação; por consequência, Camões tem de ser considerado como professor, e professor completo — ia a dizer moderno — pois o grande Épico não só *informa* como também *forma* espíritos, exactamente como o bom, o perfeito professor, cuja primeira e mais importante função é servir-se da matéria informativa para dela extrair sobretudo o valor formativo que contenha e, assim, atingir o escopo mais nobre da Educação...

Com os exemplos alheios, e até próprios, com a sua

longa experiência, Camões não se esquece de traçar ou fazer avultar a recta linha ética, a norma que a consciência dita, conceitos morais que o bem comum exige, preceitos que o dever impõe... Em muitos versos seus, colheremos ensinamentos preciosos. Bastará dizer-se que grande parte da nossa História passou pela sua consciência e desta recebeu o eterno *veredictum*, a sentença definitiva e irrevogável. Heróis, reis, vice-reis, guerreiros, marinheiros, povos, escritores, poetas, factos, acções, atitudes, tudo passou pelo crivo do seu senso moral e a tudo imprimiu o selo da sua concordância ou da sua discordância, a aprovação ou a reprovação exigidas pelo seu juízo crítico... E é bem notável que o seu juízo crítico tem sempre por base uma firme independência de espírito. Mais uma razão para admirarmos a constituição ética de Camões e para aceitarmos, com confiança, as decisões do seu julgamento dos factos, dos homens e das coisas, — decisões que, muitas vezes, se fazem acompanhar de prudentes e sãos conselhos... Camões é, pois, como professor, óptimo, seguro e agradabilíssimo guia.

Dado o cunho altamente educativo de *Os Lusíadas*, este poema, — e digo isto sem vislumbre de censura para quem quer que seja —, devia ser mais lido e mais estudado, nos nossos Liceus, do que presentemente se determina. Não merece ser folheada superficialmente a mais bela obra literária portuguesa do primeiro professor português. Seria mais razoável que o seu estudo se fizesse em dois anos e não apenas em um. Já, em tempos, assim se fez e, valha a

verdade, com melhor compreensão do importantíssimo papel que a obra do Épico pode desempenhar, nas escolas, na formação moral dos jovens portugueses.

Mas tempo é já de dizer-se que — como informa Storck — Camões foi professor ao iniciar a sua vida em Lisboa. Passando de Coimbra à capital, logo se instalou no palácio do Conde de Linhares, em Xabregas, com o encargo de preceptor do filho primogénito da casa, o jovem D. António de Noronha, que veio a morrer prematuramente, em Ceuta, numa refrega com os mouros, e a quem o poeta consagrou algumas composições líricas, entre as quais as célebres oitavas sobre «O Desconcerto do Mundo», de tão profundo sentido moral e filosófico. Não deixa de ser muito curioso, sem dúvida, saber-se que o maior dos portugueses, antes de se lançar na carreira das armas e das letras, em que tanto havia de ilustrar-se, teve como primeira profissão a de mestre, profissão que serviu com zelo e com amor, por ela e pelo seu discípulo.

Mas, como é Camões educador? Em que grau ou em que medida é Camões educador? Isto ainda não foi até hoje, — que eu saiba —, determinado. Propus-me averiguá-lo e reportando-me à principal obra do Poeta — *Os Lusíadas*.

* * *

O conteúdo moral de *Os Lusíadas* encontra-se: 1.º) em certos passos da Epopeia, em certos versos que traduzem

determinadas atitudes do seu *herói* ou das suas personagens reais ou mitológicas; 2.º) nos episódios e nas referências a certos homens ou a certos factos; 3.º) no próprio carácter do Poema e nos seus objectivos.

Mas antes de comprovar estas afirmações, necessário é que se diga isto, que é importante: — O valor moral de Camões começa na *verdade* da sua obra. De facto, *Os Lusíadas* são um poema que assenta na *realidade* e não na imaginação. Até à sua época, todos os poemas épicos escritos assentaram na irrealidade, na fantasia de seus autores. E não só o assunto da nossa Epopeia é *real e verdadeiro*, como é o próprio Poeta que *vive e revive* o Poema, ou melhor, o «drama» essencial dele e o seu «cenário». Antes de Camões, nenhum poeta épico *vivera* propriamente a sua epopeia. Nem Homero, nem Virgílio, nem Dante, nem Ariosto... E nenhum — convirá recordar que a *Jerusalém Libertada*, de Tasso, é posterior ao *epos* nacional — nenhum, dizia, criara obra baseada em factos verdadeiros. Criou-a Camões, como disse. Camões disse, pois, a verdade, cantou a Verdade — a nossa Verdade. E fê-lo com

... *amor da pátria não movido*

De prémio vil, mas alto e quase eterno, (I, 10)

e afirma-o com patriótico orgulho a D. Sebastião:

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,

Fantásticas, fingidas, mentirosas,

*Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando inda que fora verdadeiro. (I, 11)*

E afirma-o pela boca de Vasco da Gama, quando este, terminando a narrativa da nossa História e da sua viagem, depois de acentuar as «fábulas vãs, tão bem sonhadas», do épico grego e do épico latino, diz ao rei melindano:

*A verdade que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua escritura. (V, 89)*

Aquiles, Ulisses, Eneas, Orlando são heróis lendários ou de pura invenção; a *Divina Comédia* é um poema essencialmente religioso; a *Jerusalém Libertada* publicou-se três anos depois do aparecimento de *Os Lusíadas*, e ainda assim, se o seu herói, Godofredo de Bulhões, é real, é, por outro lado, estranho à nacionalidade de Tasso. Tudo no Poema camoniano assenta em realidades: — as realidades históricas dos portugueses.

A verdade está, portanto, soberanamente, no espírito do nosso Poeta. A verdade e a rectidão. No concílio dos deuses, no Olimpo, Marte faz inclinar Júpiter, como «juiz direito», a favor da gente lusa e exorta-o a não dar ouvidos a

Razões de quem parece que é suspeito, (I, 38)

ou seja Baco. Algumas sentenças morais dirá Marte na divina assembleia :

*Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja. (I, 39)*

*E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada. (I, 40)*

A verdade está sempre também no espírito do seu herói, do Gama :

*Se os antigos filósofos, que andaram
Tantas terras por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram!
.....
E tudo sem mentir, puras verdades. (V, 23)*

Camões pinta e faz agir o seu *herói* como perfeito ser moral, como ele próprio agiria ou gostaria de agir... A integridade moral do Gama, o seu amor pela verdade, pela exactidão, destacam-se sempre, encontram-se no Poema a cada passo. Incorra ou não no desagrado do xeque de Mo-

çambique, o grande Capitão não pode usar senão uma linguagem — a da sinceridade:

*Não sou da terra nem da geração
Das gentes enojosas da Turquia,
Mas sou da forte Europa belicosa ; (I, 64)*

*A lei tenho daquele a cujo império
Obedece o visível e o invisível,
Aquele que criou todo o Hemisfério
Tudo o que sente e todo o insensível
.....
E que do céu à terra enfim desceu
Por subir os mortais da terra ao céu. (I, 65)*

É como se dissesse com correntia simpleza: «sou europeu e sou cristão». É também vassalo obediente, e, como tal, só pretende cumprir o regimento e as instruções de seu Rei:

*E porque é de vassallos o exercício
Que os membros têm regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,
Que ninguém a seu Rei desobedeça. (II, 84)*

Quem assim pensa, tem de exprobrar ao Catual de Calecut o seu procedimento:

*Pois aquilo que os Reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derogado. (VIII, 82)*

O Gama tem a sublime magnanimidade dos heróis. Tanto assim que poupa o fraco povo de Moçambique à sua força militar:

*Porque o generoso ânimo e valente
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão. (I, 68)*

Contrastando com a sua generosidade, com o seu cavalheirismo, com a sua nobreza, com a sua sinceridade, — a atitude do Mouro, dos indígenas, repugnando pela baixeza e pela perfídia. E, sobretudo, a mentira, a hipocrisia, a maldade de Baco, inimigo dos Portugueses, o qual representa em *Os Lusíadas* o papel que Virgílio, na *Eneida*, atribuiu a Juno, inimiga dos Troianos. Pensando que

*..... sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita. (I, 76)*

ele, o «grão Tebano», desce à Terra para, com enganos, falsidades e astúcias, fabricar a perdição dos homens seus rivais, tornados, por seu medo, verdadeiros super-homens ou semi-deuses. No fundo, apenas 148 fortes portugueses. Os ardis do mau amigo de «Luso» multiplicam-se, mas a sua política oportunista, ao fim e ao cabo, falha completamente. Como costuma falhar toda a política de oportuni-

dade... Camões disse, há 400 anos, verdades que parecem novas...

Baco é, pois, o oposto do Gama. Se este é o condutor da acção do Poema, aquele é o seu estorvo, é quem se opõe à sua completa realização. E opõe-se como se simbolizasse, como simboliza, os interesses comerciais de árabes e turcos no Oriente, que irão ser feridos de morte com a chegada dos nossos à Índia. Mas o nosso Gama é cauteloso. Ele sabe

Que o coração pressago nunca mente (I, 84)

e também sabe

.....quanto erra

Quem se crê de seu pérfido adversário. (I, 85)

Uma coisa o magoa particularmente: — a falta do sentimento de hospitalidade do povo áfrico, sentimento tão vivo e desenvolvido entre os portugueses:

*Que geração tão dura há i de gente,
Que bárbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tão-sòmente,
Mas inda o hospício da deserta areia?* (II, 81)

A maldade não desiste e toma, muitas vezes, as formas de dolo, disfarce, duplicidade. Daí, a insegurança da vida e uma certa desilusão. São as forças do mal constantemente aparelhadas para o assalto:

*No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida! (I, 106)*

E surge o sentimento da fraqueza do homem, da humildade do homem, «bicho da terra tão pequeno»...

*Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sàbiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir à fraca força humana? (II, 30)*

Mas acima de todos os sentimentos arde o do seu patriotismo, e o «ilustre Capitão» tem esta explosão de amor pela sua terra natal, que jamais se poderá esquecer:

*Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo. (III, 21)*

A independência de espírito é bela faceta de Camões. Os seus juízos assentam na verdade e numa consciência que sabe escrupulosamente distinguir. São ditos com desassombro e não poupam heróis nem reis. A sua rectidão moral exige-lhe que louve, mas exige-lhe também que verbera um procedimento mau, uma atitude desonesta, um acto desonroso... Não importa a altura ou a categoria do

prevaricador. Vejamos como ele põe a nu, para os expor, os defeitos ou os erros de figuras da nossa História.

O procedimento de D. Teresa merece-lhe reparos como mulher e como mãe, «que tão pouco o parecia»:

*E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor. (III, 31)*

*Olhai que inda Teresa peca mais.
Incontinência má, cobiça feia
São as causas deste erro principais. (III, 32)*

A crueldade do filho, D. Afonso Henriques, para com a mãe «iníqua», também é condenada:

*A mãe em ferros ásperos atava;
Mas de Deus foi vingada em tempo breve.
Tanta veneração aos pais se deve! (III, 33)*

Não perdoa igualmente a D. Sancho II,

*..... manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede
Que de outrem, quem mandava, era mandado. (III, 91)*

E como

Em todos os seus vícios consentia, (III, 91)

foi privado da governação do Reino. Não que fosse perverso como Nero, mau como Heliogábalo, indolente como Sardanapalo, desumano como Fálaris. Mas

.....o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excelente. (III, 93)

A propósito destes versos, observa um ilustre camonista: « Essa doutrina do rei por virtude, e não por sangue, rei de direito humano, por ser o mais digno, e não rei de direito divino, por ser o da linhagem directa, é de admirar na Europa, em Portugal, no século XVI. » E até no século XIII...

A D. Afonso IV, censura-o pela morte de Inês:

*Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?* (III, 123)

E D. Pedro I? Esse é inimigo « das humanas vidas; » esse

.....castigador foi rigoroso
*De latrocínios, mortes e adultérios;
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios.* (III, 137)

Foi justo, mas duro. Ao contrário, o filho —

Vede da natureza o desconcerto! (III, 138) —

D. Fernando, é brando, « remisso e sem cuidado algum », pelo que

..... *todo o Reino pôs em muito aperto.* (III, 138)

Bem certo é

Que um fraco rei faz fraca a forte gente. (III, 138)

E

..... *bem parece*
Que um baixo amor os fortes enfraquece. (III, 139)

Até o próprio « Venturoso » não é poupado. A D. Manuel, que, tantas vezes louva, exprobra-lhe a ingratidão que teve com Duarte Pacheco:

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É ele para dar-te um reino rico.
Enquanto for o mundo rodeado
Dos apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja, entre a gente, ilustre e claro
E tu nisto culpado por avaro. (X, 25)

Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade. (X, 23)

Que admira, se ao seu herói, ao Gama, não esconde o Poeta os defeitos — a rudeza, o engenho remisso! Cen-

surando a ausência de interesse dos soberanos e dos grandes pelas coisas do Espírito, pela Arte, — com o que se revela uma vez mais, e superiormente, educador —, Camões diz:

*Dá a terra lusitana Cipiões,
Césares, Alexandres, e dá Augustos ;
Mas não lhe dá contudo aqueles dões
Cuja falta os faz duros e robustos. (V, 95)*

César, levando

*..... nũa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência. (V, 96)*

Todo o « forte capitão » da Antiguidade era « douto e ciente ». Não assim os de Portugal. « Sem vergonha o não digo »... Não assim Vasco da Gama e outros Eneas e Aquiles portugueses:

*Às Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da pátria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome e fama
De toda a ilustre e bélica fadiga ;
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga ;
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas de oiro fino e que o cantassem. (V, 99)*

Julgador dos homens e das coisas, Camões é a própria

voz da História soando no bronze da Eternidade... E a voz do Poeta é a voz da História porque é a voz da Justiça.

Oiçamo-lo agora nestas estâncias, em que profliga o egoísmo dos nobres, a adulação áulica, o desamor dos governantes pelo povo, a áspera tirania :

*E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem público imagina ;
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si sòmente e a quem fláucia ensina ;
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente ; (IX, 27)*

*Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amam sòmente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade ;
Da feia tirania e da aspereza
Fazem direito e vã severidade ;
Leis em favor do rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem. (IX, 28)*

Contra os ambiciosos, que lançam o povo na guerra, escreveu o Poeta, por exemplo, a seguinte oitava do canto IV, a qual prenuncia já a fala niilista do Velho do Restelo :

*Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo ;*

*Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas. (IV, 44)*

E o oiro? Umas vezes, é o «gentil metal supremo», que «a Fortuna a tantos nega», como a ele negou; é, muito poéticamente,

O metal que a cor tem do louro Apolo. (X, 139)

Outras vezes, é, com menos poesia e mais prosaico realismo,

O metal por que mais a gente sua. (X, 93)

Mas também é — e digam se o Poeta não tem razão! — a coisa

Que a gente bruta mais que virtude ama. (VI, 63)

A sede de oiro é inimiga do Bem. Cega os juízos, deprava as consciências. E o seu insinuante poder corruptor vai muito longe:

*Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores e falsos os amigos;
Este aos mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos. (VIII, 98)*

*Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os reis. (VIII, 99)*

Mas nem sempre Camões aponta defeitos ou erros, nem sempre censura, exprobra, verbera, condena, castiga. Também louva quem merece ser louvado. E não desconhece o estimulante efeito moral do louvor justo:

*Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
.....
Quem valorosas obras exercita
Louvor alheio muito o esperta e incita. (V, 92)*

*Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade. (IV, 81)*

Bem o merece aquele que trilha o

*Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso. (IX, 90)*

*Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo; (IX, 92)*

*E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro*

*Vício da tirania infame e urgente ;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente !
Melhor é merecê-los sem os ter
Que possuí-los sem os merecer. (IX, 93)*

São, pois, necessários o esforço porfiado, o trabalho duro, o constante perigo, o desinteresse, a coragem, para atingir-se o triunfo :

*.....As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga ;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga. (IV, 78)*

A moral preconizada por Camões não é, positivamente, a fácil moral de Epicuro, que muitos do seu tempo seguiam e punham em prática. Não a seguiram — antes pelo contrário — os portugueses das Descobertas e Conquistas, que bastas vezes revelaram e provaram a rara têmpera de sua alma, o seu inquebrantável estoicismo. Não a seguiu também Camões que, considerando a cobiça dos bens materiais como imprópria e indigna de ânimos generosos, tinha uma concepção do patriotismo à maneira romana, — concepção que, como afirmou Antero de Quental, «era a que então predominava ou acabava de predominar nas camadas superiores da Nação, e produziu uma florescência admirável, e única no tempo, de caracteres compactos, couraçados de lealdade, de abnegação e de valor».

Diz-nos Castanheda que os marinheiros do Gama passaram « imensos trabalhos, bravas tormentas e terríveis doenças » ... Por isso, quando chegaram à vista da Índia, enorme foi a sua alegria ... O momento é azado para o nosso Poeta dizer como é a dura escola da vida, como é a escola da vitória :

*Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores,
— Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores ;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zebelinos ; (VI, 95)*

*Não co'os manjares novos e esquisitos ;
Não co'os passeios moles e ociosos ;
Não co'os vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos ; (VI, 96)*

*Mas com buscar, co'o seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas ;
Vigiando e vestindo o forjado aço ;
Sofrendo tempestades e ondas cruas ;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas ;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado com um árduo sofrimento ; (VI, 97)*

*E com forçar o rosto, que se enfla,
A parecer seguro, ledó, inteiro,
Para o pelouro ardente que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Dest'arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura ; (VI, 98)*

*Dest'arte se esclarece o entendimento
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O buixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos ocupado,
Subirá (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando. (VI, 99)*

* * *

Deixei falar propositadamente Camões, não só porque a sua voz é de inconfundível beleza, como porque seria esse o melhor modo de lhe surpreendermos o acentuado gosto de moralizar, o gosto que ele sempre manifesta de indicar o recto caminho, — o caminho da Virtude, o caminho da Vitória. Sente-se que nele constantemente vibrava uma consciência equilibrada, uma consciência onde a posição da Justiça era sempre a vertical. Isto em contraste com a sua

vida desigual, de altos e baixos, de tranquilidade e agitação... Como reflexo do seu senso moral, há no poema um equilíbrio entre as diversas partes tal, que a unidade da obra ressalta completa, acabada. A arquitectura de *Os Lusíadas* é perfeita, de imponentes linhas modernas e cheia de beleza artística.

Que dizer, por exemplo, desse curto acto trágico que se chama o episódio de Inês de Castro? Esconde-se o Épico e surge o Lírico, de imenso talento, fazendo vibrar as cordas de oiro da sua finíssima sensibilidade... E como nós vibramos com essa dramática história de amor! Nenhuma obra portuguesa sobre Pedro e Inês excede ou mesmo iguala esse formosíssimo trecho lírico do poema camoniano. De comparável só existe a imortal página de Francesca da Rimini, de Dante. Pois bem! Tal trecho é a condenação de um acto moralmente hediondo :

*Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavaleiros?* (III, 130)

Que cavaleiro digno deste nome ousaria atentar contra a fraqueza natural da mulher? E, além de mulher, mãe?... Não perdoa Camões aos ferozes assassinos de Inês. E mostrando-nos o que se fez e o que não devia fazer-se, o Poeta inculca-nos sentimentos de piedade, de revolta contra o mal, de nobreza, de cavalheirismo...

Mas o episódio do cavalheirismo, do cavalheirismo português, é o dos « Doze de Inglaterra ». Parece até a réplica

justa ao de Inês de Castro, porquanto ele significa claramente a defesa dos agravados, dos fracos — da feminil fraqueza... E o episódio, que o arrogante Veloso, substituindo o namorado Leonardo, conta quando a armada do Gama navega o grande golfo de setecentas léguas entre Melinde e a Índia, lembra um lindo romance de cavalaria e de gentileza medieval, narrado apenas em 25 estâncias, — romance cujas figuras centrais são o Magriço e sua dama inglesa, à semelhança de Tristão e Iseu, de Amadis e Oriana...

E o «Velho do Restelo»? É outro defensor... Esse é o defensor da vida, da conservação dos portugueses... Representa a corrente de opinião contrária à expansão lusa, por um instinto de defesa... Se me permitirem a expressão, eu direi, utilizando a terminologia política, que ele simboliza uma corrente de conservantismo contra o radicalismo de acção. É uma manifestação de equilíbrio político-social, que se verifica em todo o Estado organizado. É já a voz do terceiro Estado que se levanta... É a voz do bom senso. Mas nem sempre o bom senso é... bom. Nenhum verdadeiro português poderá concordar sèriamente com estas palavras do «Velho»:

*Oh, maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas pôs em seco lenho!* (IV, 102)

Se o fizesse, negaria a história da sua própria Pátria. Certo que Camões o não entendeu também assim. Se o entendesse, se seguisse o partido do «Velho», condenaria a

sua epopeia, condenar-se-ia a si mesmo. Nunca o Épico poderia concordar com essas palavras amargas, descontentes, derrotistas, que são o contraste mesmo da acção do Poema, a qual faz aqui uma pausa, uma breve paragem, na sua marcha vitoriosa para o desfecho glorioso... O «Velho» do Restelo não pode ser senão a personificação de uma corrente de opinião, de um grupo de vozes discordantes da Aventura sem par dos Portugueses, uma espécie de Sancho, uma voz do bom senso popular reagindo contra o quixotismo dos pioneiros de um Ideal — de uma política de expansão da Pátria e da Civilização...

Mas como essa voz tem ecos sublimes! Como é cheia de sentido filosófico nestes versos:

*Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!* (IV, 103)

E como é também uma lição, — lição especial de filosofia da História em que se censura a vaidade dos que mandam, a cobiça dos governantes que atiram os povos para as guerras, que só trazem sofrimentos, luto, ruínas, destruição!...

*Ó glória de mandar! ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!* (IV, 95)

A voz do «Velho» parece que foi ouvida no outro lado

de África, no extremo sul desse continente... Responde-lhe a do Adamastor, corroborando, com a predição de catástrofes, naufrágios e mortes, a ousadia do empreendimento «mais que humano»:

*Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas!* (V, 41)

.....
*Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi.....* (V, 42)

É a voz do mais belo episódio de *Os Lusíadas*... Segundo o distinto crítico Dr. Fidelino de Figueiredo, «da simbologia camoniana, é a prosopopeia do Adamastor a mais genial concepção, sem dúvida a página mais bela do poema e uma das criações mais altas da poesia humana». E já Voltaire — tão unsuspeito! — disse que esta ficção do Cabo tinha um cunho de beleza universal e eterna.

«Ó gente ousada», «de nobre, de imortal merecimento»! Reconhece-o o Adamastor, não já homem mas gigante... Não causa estranheza, porque os próprios deuses o reconhecerão!... Alguns mesmo terão inveja dos Portugueses. Por causa destes, reunirão os deuses celestes e os deuses marinhos. No Olimpo, primeiro, no palácio de Neptuno, depois... Pois que significam esses dois Concílios senão a altura «do feito nunca feito»?... Ele é digno de deuses,

provoca zelos na corte celeste e até medo. «O atrevimento» dos Lusos excede a craveira normal. São super-homens, são heróis, podem ser semi-deuses ou, até, deuses... A longanimidade é, porém, atributo da Divindade. Se os portugueses são perseguidos, também há quem os proteja. Mas eles têm de contar, sobretudo, com o seu próprio esforço, com a sua audácia, com a sua tenacidade, com a sua fé. Ao fim, em

Satisfação de bem sofridos danos, (IX, 18)

virá a recompensa. E esta, para tão grande e sobre-humano feito, só pode ser divina coisa. O prémio justo do trabalho «insano» é oferecido pela deusa Cípris aos «fortíssimos barões» da Armada que volta, gloriosa, da Índia: — é o presente magnífico da «ínsula divina»...

Como se vê, até nos episódios, em que é sumamente artista, o Poeta se nos revela professor. E superior professor... Porque o professor ideal é o professor artista...

E que dizer de certas figuras ilustres da nossa História, algumas das quais são autênticos símbolos pelas suas distintíssimas atitudes morais? Egas Moniz, cujo acto o Poeta tão bem compreendeu em toda a sua pureza e excelência, é o «leal vassalo», é alto exemplo da «grã fidelidade portuguesa», pois

Determina de dar a doce vida

A troco da palavra mal cumprida. (III, 37)

A sua vida e — o que é mais — a dos seus!

Nun'Álvares, «o forte Dom Nun'Álvares», o «Cipião português», espelho de patriotas, defende com fervor inigualável

A terra nunca de outrem sojugada! (IV, 19)

O Infante Santo faz inteira dádiva da sua vida à Pátria:

Por não se dar por ele a forte Ceita:

Mais o público bem, que o seu, respeita. (IV, 52)

E quantos outros? Quase metade do canto VIII de *Os Lusíadas* é imponente galeria de varões ilustres, de verdadeiros varões de Plutarco: é o Conde D. Henrique, D. Fuas Roupinho, Mem Moniz, D. Paio Correia, os Infantes D. Pedro e D. Henrique, — «progénie generosa de Joane» —, D. Pedro de Meneses, D. Duarte de Meneses... Depois, no canto X, outra série de curtas biografias de heróis portugueses, os de Além-Mar, os da Índia: os Pachecos, os Almeidas, os Albuquerque, os Meneses, os Gamas, os Silveiras, os Cunhas, os Noronhas, os Castros,

E outros em quem poder não teve a morte, (I, 14)

e cujas vidas são modelos de patriotismo, de lealdade, de sacrifício, de saber, de prudência, de justiça, de integridade, a apresentar à nossa juventude para a formação do seu espírito.

* * *

Do que acabo de expor pode inferir-se, com a maior segurança, que a nossa grande Epopeia tem excepcional cunho moral. Mas algo mais há que dizer sobre o Poema para conclusão de minha tese.

Os Lusíadas assentam na Verdade, na Justiça e na Beleza, isto é, naquilo que de mais elevado existe na consciência e na alma humanas. São fonte inesgotável de ensinamentos preciosos e são fonte pura de prazer estético, o qual também contribui para a educação. O Poema tem rica beleza formal, e a sua linguagem, que é ainda a nossa de hoje, veste-se de elegância sem par, de eloquência vibrante, de expressões lapidares, de uma roupagem, enfim, brilhantíssima e única na nossa Literatura. Camões é mestre, e incomparável, de Língua portuguesa. É também mestre, e o maior, de Nacionalismo. Se *Os Lusíadas* são o único poema verdadeiramente universal, são também o único poema verdadeiramente nacional. São uma epopeia simultaneamente nacional e universal. Para Humboldt, são «o poema do Mar»; para Eménard, a «síntese dos progressos da navegação»; para Edgar Quinet, «a epopeia do comércio» e também «a epopeia da aliança do Ocidente e do Oriente»; para Joaquim Nabuco, «as duas praias que *Os Lusíadas* parecem destinados a unir não são as da Europa e Ásia, senão as da Europa e América, porque essa é a epopeia do comércio e da indústria, o poema da idade moderna, coisas em que o

papel de América é e haverá de ser muito mais importante que o da Ásia».

Julgo que todos poderemos convir nisto: ao contrário da *Odisseia* e da *Eneida*, que são epopeias do antigo Mediterrâneo pagão, *Os Lusíadas* são a primeira, e ainda única, epopeia do Atlântico cristão e, portanto, a epopeia do moderno estádio da Humanidade. «Cantor da Civilização Ocidental» — assim chamou Cervantes a Camões. Tão feliz e expressivo é o designativo que entendo quase nada mais ser necessário dizer para se compreender o carácter universal da nossa Epopeia. *Os Lusíadas* cantam a luta pela realização dum grande ideal colectivo; cantam o ingente esforço humano despendido num combate constante mas vitorioso contra a Natureza; cantam a grandeza do Homem. Mas também cantam as origens do povo português, as suas guerras contra castelhanos e contra os infieis, a formação da sua Pátria, os seus gestos heróicos, as suas navegações, as suas descobertas e conquistas, a sua expansão no Mundo, os *Lusíadas*, enfim! Há universalismo e nacionalismo no poema camoniano.

O carácter nacional da nossa Epopeia está, pois, no seu próprio conteúdo, no seu assunto, naquilo que motiva a sua própria existência: — na heroicidade portuguesa.

Em síntese, pode afirmar-se — como já alguém afirmou — que o papel de Camões foi, em especial, este: «eternizar num momento dado o labor secular da grei». Compreendera o Poeta que o destino de Portugal consistiu

principalmente em *navegar* e em *descobrir* — descobrir novos mares, novos céus, novos continentes, para dilatação da Fé e do Império... Os Lusos,

..... *mores cousas atentando,*
Novos mundos ao mundo irão mostrando. (II, 45)

Por consequência, *Os Lusíadas* tinham de ser, acima de tudo, uma epopeia marítima, tinham de cantar a epopeia levada a cabo pela sublimação do esforço português. Esta «sublimação» do nosso esforço, para que Camões encontrou genialmente a correspondente expressão verbal, é que imprime ao seu Poema cunho moral extraordinário. Não são imaginários os heroísmos portugueses, mas verdadeiros, e até excedem as aventuras de fantasiados heróis do mundo antigo e do mundo moderno, excedem a própria «força humana». Não são imaginárias as nossas glórias, as glórias que o Poeta canta. São verdadeiras. E pode dizer-se que nem o rigor histórico é prejudicado, — atitude moral de Camões que merece ser destacada porque representa uma virtude a mais da sua obra e nos leva a apontá-lo como possuído de verdadeira atitude científica. Até nisso é moderno. De facto, é baseando-se nos trabalhos de carácter histórico, existentes no seu tempo, que Camões elabora o transunto da nossa história e ainda o exacto e pormenorizado relato da viagem do Gama. Fernão Lopes, Rui de Pina, Duarte Galvão, Castanheda, Barros são as fortes colunas do suntuoso edifício que o engenho camoniano ergueu... Mas,

além de cronistas e historiadores, há no edifício a colaboração variada de poetas, de sábios e de mestres da nossa língua. Diz-nos o Dr. José Maria Rodrigues, também sábio e também mestre: «Aí se acham intencionalmente arquivadas muitas particularidades de fonética, de construção gramatical, de ortografia, de métrica... Isto é: *Os Lusíadas* são ao mesmo tempo um poema e um museu; são um monumento duplamente nacional, erigido pelo génio do Poeta, para glorificar a Pátria, com materiais buscados principalmente em obras portuguesas». E o ilustre professor Dr. Hernâni Cidade, estas palavras que corroboram plenamente o que vimos afirmando: «Aderem *Os Lusíadas* à realidade histórica e científica, por tal forma que daquela nos dão a exacta sucessão cronológica e desta frequentemente a descrição minuciosa, *informativa*».

Afirma muito judiciosamente um escritor brasileiro que *Os Lusíadas* não são sòmente a glorificação da história portuguesa, a condenação dos contemporâneos que deixaram morrer a Nação no campo de Alcácer-Quibir. No espírito do Poeta eram um roteiro, — o roteiro para a regeneração dos costumes, para a transformação do governo, para a luz, para a vida, para o movimento, para novos *Lusíadas*.

Eis indicado um dos principais objectivos da nossa Epopeia. Nós sabemos, com efeito, que, durante o domínio espanhol, *Os Lusíadas* eram uma voz a gritar a nossa irreprimível soberania, o nosso direito à vida livre e autónoma, a nossa individualidade étnica e política, a nossa alta missão

no Mundo, as inconfundíveis qualidades de uma raça nobre e distinta. Poderá conhecer-se, algum dia, precisamente, o papel moral que a Epopeia desempenhou na restauração da nossa Independência, em virtude do seu profundo significado nacional? Lembrarei só agora que, enquanto estivemos sob a sujeição da coroa de Espanha, fizeram-se onze edições do Poema de Camões, e que João Pinto Ribeiro, a alma da Revolução de 1640, era comentador de *Os Lusíadas*.

Inexaurível manancial de patriotismo, é recitando as suas estrofes que os soldados portugueses lutam no cerco de Columbo... E sabemos doutros portugueses, esses de hoje, que na passada Grande Guerra nunca deixaram de trazer junto de si, quer na luta quer no cativeiro, para estímulo de seu amor pátrio, para prova de seu portuguesismo, para conforto de suas almas em horas de desalento, uma pequenina edição de *Os Lusíadas*!

Outro dos seus objectivos é o enaltecimento do nome portugês, a exaltação de tudo quanto diz respeito a Portugal :

*Que eu canto o peito ilustre lusitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram. (I, 3)*

E ainda a nossa liberdade política, a nossa independência, a nossa superioridade étnica, *rácica*, como hoje se diz. Na sua exortação a D. Sebastião, com que fecha o Poema, — exortação de tão admirável acento moral —,

exprime Camões este sincero voto, em que todos nós não podemos deixar de o acompanhar:

*Fazei, senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portugueses.* (X, 152)

Porque a missão de Portugal no Mundo não terminou! A sua missão colonizadora e civilizadora continua ainda, e, agora, nas duas Áfricas, depois das Índias e do Brasil...

Precioso e eficaz estimulante da nossa actividade espiritual e das energias da Nação, *Os Lusíadas* são ainda o Poema que tem estabelecido e estabelecerá uma cadeia de solidariedade moral entre as gerações lusas, um elo que a todos os portugueses liga no transcurso do tempo...

* * *

E Camões? Não é ele mesmo uma lição? Não é ele exemplo moral tão alto que se confunde com o da própria Pátria? A sua vida — vida votada ao bem comum, à Pátria, vida de sacrifício desinteressado — pode e deve ser apresentada aos novos, à mocidade, como exemplo, pode ensinar-lhes o caminho, áspero mas honroso, da vitória... Dotado de ilimitada curiosidade de saber, espírito aberto a todas as ideias do Renascimento, a sua cultura era, pela variedade, assombrosa, pela profundidade, invulgar. «Foi humanista dos mais doutos do seu tempo». Estudou e leu muito... Mas

também estudou e leu muito na dura escola da vida e o que aprendeu nela não o guardou avaramente para si: — pô-lo na sua obra.

Ao serviço da Pátria, esteve na Índia, «mãe de vilões ruins e madrasta de homens honrados» — diz ele com o seu amor pela honestidade. Ao serviço da Pátria, batalhou em Ceuta, onde se mutilou, batalhou no Golfo Pérsico, no Mar Vermelho, e talvez lutasse nas Molucas e na ilha de Banda... Ao serviço da Pátria, cantou *Os Lusíadas*, e esse foi o maior serviço que lhe prestou.

Numa mão sempre a espada e noutra a pena, (VII, 79)

— eis a síntese da sua vida, na qual não lhe faltou, como ele próprio confessa, «honesto estudo, com longa experiência misturado, nem engenho». (X, 154).

E a sua bela independência moral?

*Não creais, Ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse
Imigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioso que quisesse
Subir a grandes cargos cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios. (VII, 84)*

A sua altíssima consciência não transige com a duplicidade dos que mandam «para servir a seu desejo feio»;

com os que « com hábito honesto » despem e roubam « o pobre povo »; com os que não pagam « o suor da servil gente »:

*Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio;
Nem, Camenas, também cuideis que cante
Quem com hábito honesto e grave veio,
Por contentar o rei no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo; (VII, 85)*

*Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende, e cuida que é prudente,
Para taxar com mão rapace e escassa
Os trabalhos alheios, que não passa. (VII, 86)*

*Aqueles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida. (VII, 87)*

Como o seu quase contemporâneo e coeterno Gil Vicente, o nosso Poeta despreza os maus poderosos e não tolera a injustiça... E, embora muito pobre, não vende a sua musa, nem atraiçoa a sua missão.

Amor da verdade, independência de espírito, altíssima consciência, voz da Justiça, voz da História, — isso tem e isso é Camões. Camões é, pois, super-homem, e a sua mensagem é, literariamente, a mensagem mais alta da Pátria e uma das mais altas da Humanidade. «Príncipe entre os heróicos de Espanha» — disse dele outro génio, Cervantes. Tasso, esse sentenciou que Camões excedeu ao próprio Gama... Vejam: génio-herói, quase herói-deus! Oicamos também a palavra autorizada de D. Carolina Michaëlis: «Camões está acima dos maiores poetas líricos das nações latinas modernas, acima de Dante, Petrarca, Ariosto e Tasso».

Mas o que Camões é exactamente, difícil é dizê-lo.

Não nos enganaremos, no entanto, afirmando que no seu espírito admitiu gostosamente o épico Virgílio e o lírico Petrarca, com os quais largamente conviveu, mas a quem ainda excedeu; que admitiu, como pensador, os conceitos superiores do divino Platão, a quem nas suas Líricas glosou brilhantemente; que se apresenta, como moralista, ricamente dotado de uma consciência moderna, pelo que tem o indiscutível direito de ser considerado como educador admirável, como um grande professor de Energia, de Civismo, de Patriotismo. A sua complexa personalidade manifesta-se na polimorfa variedade de aspectos que apresenta a sua lira. Camões é novo Proteu, desdobrando-se, multiplicando-se num sem-número de formas e aspectos, — fenómeno psicológico que traduz, que comprova a riqueza extraordinária da sua vida interior, a opulência do seu talento criador, a

profundidade, a extensão, a altura da sua Alma e do seu Génio... Quis a fortuna que essa Alma, esse Génio, surtisse em Portugal, para nossa maior glória... E Camões ficou sendo a *Árvore* mais alta da nossa Pátria, a mais frondosa e a de maiores e mais fundas raízes... Com o seu nome, *Os Lusíadas* farão ressoar na eternidade do Tempo o nome de Portugal, como Homero faz ressoar o da Grécia, Virgílio o de Roma, Dante o de Itália, Milton o de Inglaterra...

Eu só posso, eu só devo terminar com algumas das cinco mil palavras sagradas da Epopeia de Camões. São três versos apenas, com que o excelso Poeta, pela boca profética das Ninfas da Ilha divina, unidas em coro de sublime harmonia, exprimiu toda a sua ardente fé no futuro dos Portugueses. Como incentivo, valem por uma lição magnífica, e são ainda a lógica ilação, a distância, do valor moral dos «fortes Lusos». Que os oiça, que os ame, que os fixe a nossa mocidade estudiosa, a Mocidade de Portugal, e se mostre sempre digna da confiança que em todos nós e, portanto, nela depositou o Épico imortal:

Por mais que da Fortuna andem as rodas,

.....

Não vos hão-de faltar, gente famosa,

Honra, valor e fama gloriosa! (X, 74)

F I M

12.50

biblioteca
municipal
barcelos



6463

A lição de Camões